

# PAISÀ / 1946

(*Libertação*)

um filme de Roberto Rossellini

**Realização:** Roberto Rossellini / **Assistentes de Realização:** Federico Fellini e Massimo Mida / **Histórias:** Sergio Amidei, com a colaboração de Klaus Mann, Federico Fellini, Victor Haines, Marcello Pagliero, Roberto Rossellini / **Argumento e Diálogos:** Sergio Amidei, Federico Fellini, Roberto Rossellini e Vasco Pratolini (para o episódio Florença) / **Fotografia:** Otello Martelli / **Operador:** Carlo Carlini / **Música:** Renzo Rossellini / **Som:** Ovidio Del Grande / **Montagem:** Eraldo Da Roma / **Intérpretes:** **1º Episódio (Sicília):** Carmela Sazio (Carmela), Robert Van Loon (Joe), Benjamin Emanuel, Raymond Campbell, Merlin Berth, Mats Carlson, Leonard Penish (soldados americanos), Harold Wagner, Albert Heinze (os dois soldados alemães), Carlo Pisacane (o velho de Gela); **2º Episódio (Napoli):** Alfonsino Pasca (Pasquale, o rapazinho), Dots M. Johnson (Joe, o polícia militar negro), Pippo Bonazzi; **3º Episódio (Roma):** Maria Michi (Francesca), Gar Moore (Fred), Lorena Berg (D. Amalia, a dona da pensão); **4º Episódio (Firenze):** Harriet White (Harriet, a enfermeira), Renzo Avanzo (Massimo), Gigi Gori (Gigi, um resistente), Giulietta Masina (uma rapariga na escada do palácio), Gianfranco Corsini (Marco, outro resistente); **5º Episódio (Appennino Emiliano):** William Tubbs (Bill Martin, capelão militar), Newell Jones (Capitão Jones, capelão), Elmer Feldman (Capitão Feldman, capelão) e os monges franciscanos de um Convento de Maiori (Salerno); **6º Episódio (Porto Tolle, Sul Delta del Po):** Dale Edmonds (Dale, o americano do O.S.S.), Cigolani (um resistente), Robert Van Loel (o alemão), Alan e Dane (dois soldados americanos). A voz do narrador é de Giulio Panicali.

**Produção:** Mario Conti (Roberto Rossellini) e Rod E. Geiger, para a OFI (Organizzazione Film) / **Cópia:** digital, preto e branco, versão original legendada em português, 126 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza de 1946; **Estreia Comercial:** Roma, em 13 de Dezembro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Cinema Trindade, em 21 de Janeiro de 1949.

---

**Paisà** quer dizer, em italiano, “pequena pátria”. O título é sugestivo das intenções do realizador. Não se trata de fazer um “épico”, mas sim mostrar os pequenos/grandes dramas do povo anónimo no conflito em causa. Isto marcou desde logo um certo “confronto” com Sergio Amidei, o argumentista, comunista, que queria dar à história um tom grandiloquente, “épico”, à maneira dos filmes soviéticos do “realismo socialista”, em particular no final do filme, o episódio do delta do Pó. Rossellini, democrata-cristão, tinha outros objectivos, conseguindo torpear as ideias de Amidei (figura de prestígio no meio cinematográfico) graças à colaboração de Federico Fellini também no argumento (a título de curiosidade repare-se na presença de Giulietta Massina, no quarto episódio, o de Florença, já casada com Fellini e que aqui se estreava no cinema). O ponto de partida para o argumento viera, porém, de outros lados. Stefano Masi e Enrico Lancia, no seu livro “I Film di Roberto Rossellini” referem que **Paisà** anunciava-se já na imprensa desde Dezembro de 1945 com o título **Sette Americani**, “coleção” de histórias de relações entre italianos e americanos após o desembarque na Sicília, e a produção resultava de um acordo entre a OFI de Rossellini, Campos e Ponti, e a Foreign Film Productions do ex-sargento do Exército dos EUA Rod Geiger que, por seu lado, queria aproveitar o prestígio de que Rossellini já gozava em Hollywood graças a **Roma Città Aperta**. A primeira ideia do argumento, dizem aqueles autores, fora de Klaus Mann, filho de

Thomas Mann, que se encontrava em Itália como correspondente de guerra. O nome de Mann não está incluído no genérico da cópia que vamos ver (Adriano Aprà refere que aparece na "versão curta"), mas Masi e Lancia referem que após o suicídio de Klaus Mann foi encontrado entre os seus papéis o "tratamento de um filme em sete episódios" incluindo já o episódio do capelão militar (o quinto em **Paisà**).

A presença na produção de Rod Geiger testemunha que o objectivo de Rossellini não era continuar o cinema de produção "miserabilista" que se considera a "marca" do "neo-realismo", e sim avançar com uma co-produção ambiciosa em termos económicos, esperando o apoio de Hollywood com que Geiger lhe "acenava", que garantia, contava Fellini, vedetas como Gregory Peck, Lana Turner e Paul Robeson (in "The Films of Roberto Rossellini" de Peter Bondanella). Em vez destes, Geiger apareceu no seu regresso dos EUA com Dots Johnson, Gar Moore, Harriet White, William (Bill) Tubbs e Dale Edmonds, uma série de desconhecidos, mas que, ao contrário do que reza a lenda, eram "profissionais com extensa experiência teatral nos Estados Unidos" (Bondanella). Da parte italiana encontra-se também outra profissional, Maria Michi (que já aparecera em **Roma Città Aperta**) no episódio de Roma, ao lado de Gar Moore. Mas no que diz respeito aos restantes participantes eram todos não profissionais. Carmela, a personagem do primeiro episódio, de impressionante presença, foi contratada por Rossellini quando a viu na rua transportando água para casa; Renzo Avanzo, o personagem masculino do episódio de Florença, era o primo e companheiro de infância do realizador; no mesmo episódio aparece Renato Campos, amigo de Rossellini (e um dos produtores do filme) que fora, ele próprio, guerrilheiro; Alfonsino Pasca, o miúdo do segundo episódio, era um autêntico "sciucià", como são também os soldados americanos e todos os outros. Aqui, como em todos os seus filmes, quer sejam os de cinema quer os de televisão, Rossellini explorou habilmente a mistura de ficção e realidade. O que de "realismo" tem o seu cinema é o facto de ele evitar usar os "artifícios" técnicos narrativos. Isto é Rossellini recusa elaborados enquadramentos e sofisticados movimentos de câmara, tudo aquilo que nos "afaste" do essencial, que prejudique o sentido daquilo que vemos. A sensação de "realismo" nasce também do facto de sentirmos em cada enquadramento algo de "espontâneo", de "autêntico", que resulta de uma ausência de "decoupage", deixando a sensação de imagens captadas de improviso, mesmo quando mais "elaboradas". Estas são mais evidentes nos episódios de Roma e do convento, sendo a sensação de "autenticidade" mais vigorosa no de Florença (que, pessoalmente, considero o mais perfeito juntamente com o último, no delta do Pó).

Atrás indicámos o significado etimológico de **Paisà**, sublinhando o seu sentido e peso das intenções do realizador. A construção em episódios não lhe tira nada da sua unidade, porque o argumento acompanha o movimento de libertação do país, progredindo do Sul para o Norte. Rossellini celebra os pequenos actos heróicos, aqueles que ficaram desconhecidos e foram realizados até sem consciência do seu sentido "histórico", e todos eles são inseridos num quotidiano marcado pela luta pela sobrevivência com os seus pormenores insólitos (o "leilão" do soldado negro entre os garotos de Nápoles) e de miséria (as cavernas onde "vivem" famílias em condições infra-humanas em Nápoles), o encontro com a fé (o capelão militar no convento: "Encontrei aqui aquela serenidade de espírito que perdera no horror e miséria da guerra") ou a sua perda (Francesca/Maria Michi, no episódio romano, vendo partir pela segunda vez o homem de quem esperava a "libertação"), e as mortes ignoradas de Carmela, de corpo perdido nos rochedos, e dos resistentes do Pó afogados no delta pelos alemães. O percurso, sendo de "libertação", acaba deste modo, por adquirir um sentido "cristico". A libertação é essencialmente espiritual, e implica o sacrifício para a ela se chegar. É exactamente o percurso que Ingrid Bergman vai percorrer em **Stromboli, Europa 51, Viaggio in Italia, La Paura**, como é o de De Sica em **Il Generale Della Rovere**.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico